

**REDACÇÃO PRINCIPAL**  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
 Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
**EDITOR — JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
 Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa — Telefone 5339 0.  
 Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## JUSTIÇA DE CASERNA

### QUEIXOSO, CARCEREIRO E JUIZ!

Há 23 dias que foram presos, numa casa do Arroios, onde estavam residindo, os conhecidos militantes ferroviários do Sul e Sueste Miguel Correa e António José Piloto, tendo sido conduzidos para os calabouços do quartel de sapadores dos caminhos de ferro, onde a essa data já se encontravam os antigos colegas seus, nos mesmos caminhos de ferro, Leopoldo Calapez, Alfredo Pinto e Lúcio Pegado.

Continuam ainda hoje nos referidos calabouços aqueles cinco elementos operários, que podem ser justamente acusados de grevistas, porque o foram conscientemente, assumindo desde seu acto a plena responsabilidade, mas que por haverem sido grevistas entusiastas ou terem mesmo, alguns deles, pertencido à comissão dirigente do recente movimento ferroviário do Sul e Sueste não podem, por tais motivos, à face da nossa consciência e até mesmo das leis que regulam o direito de greve, ser acusados da prática de delito algum, para mais delicto que de qualquer modo legítima as truculências que em relação a esses homens se estão cometendo em condições ineditas, sob mais dum aspecto.

E' preciso que a classe operária e a opinião imparcial do país saibam que para com os referidos trabalhadores não se tem limitado os seus carcereiros — que simultaneamente exercem o papel de juizes — a conserva-los sob prisão há tam longo tempo sem culpa formada, a despeito de existir na legislação em vigor qualquer preceito que estabeleça que ninguém pode nem deve estar preso além de oito dias sem processo.

Vão, todavia, mais longe os perseguidores daqueles honestos camaradas nossos. Têm-nos incomunicáveis nos lobregos calabouços do seu quartel há vinte e dois dias!

Também há qualquer lei, tam desprezada como aquela a que anteriormente fizemos referência, que não permite que a incomunicabilidade exceda 48 horas. Pois para com os ferroviários do que vimos tratando essa disposição foi letra morta, porquanto incomunicáveis se encontram há tam longo período de tempo, procedimento que não temos visto adoptar para com os criminosos da pior espécie, mas que se emprega contra homens honestos como os que se encontram sob a discrecionária tutela de Raúl Esteves, que além de ditador dos caminhos de ferro, é, ao mesmo tempo, queixoso, carcereiro e juiz!

Isto parece fantástico, mas é rigorosamente autêntico.

O coronel Raúl Esteves, segundo afirmou um jornal, atribuiu a alguns dos elementos ferroviários detidos a sua participação no risível atentado de que foi alvo há tempo. A policia regular inquiriu e, sem favor, porque fará favores a toda a gente, mas não se presta aos elementos activos da organização operária, concluiu que tais elementos não tinham responsabilidade alguma no acto.

Não se conformou Raúl Esteves e, como a despeito de o apontarem como monárquico, é pessoa grada do regime, promoveu que a ele, queixoso, fossem dados poderes de juiz. Armado com tais poderes, poz a sua tropa em campo, conseguindo, ao cabo de várias diligências, lançar as garras aos supramencionados ferroviários.

É-lhe porque estivesse sinceramente convencido de que eles houvessem participado de qualquer modo do número dos indivíduos que levemente e agrediram uma noite, se é que o agressor não foi apenas um?

Não o cremos. É-lhe, sim, no propósito de anular por algum tempo a acção organizadora que dois dos elementos ora presos davam à classe a que pertenciam de longa data e entre a qual, pelas suas nobres qualidades de carácter e espírito de sacrificio, contam vivíssimas simpatias.

Fazer desaparecer a Associação dos Ferroviários do Sul e Sueste e anular a acção eficaz deste organismo operário, era e é a preocupação máxima do comandante dos sapadores dos caminhos de ferro que, sendo um espírito autoritário e um reacção impenitente, não admite, no seu estreito critério, que haja organização que não seja a da tropa. E como não ignorava que Miguel Correa e Piloto, auxiliados dedicadamente por outros camaradas, tem sido incansáveis propagandistas daquela organização, não descansou enquanto os não privou da liberdade.

Eis porque temos assistido à prática das truculências que vimos de narrar serenamente, truculências perante as quais não só as autoridades, mas até os homens que tem governado este país de tiranetes de pacotilha, se curvam reverentes. Eis também porque a figura negra do ditador dos caminhos de ferro é simultaneamente queixoso, juiz e carcereiro, uma vez que nos lobregos calabouços do quartel que comanda é que estão detidos os referidos ferroviários!

E' assim, sem respeito pelas garantias conquistadas à custa do esforço de tantos espíritos avacçados, que presentemente se exerce a justiça em Portugal, justiça de caserna, justiça de tarimbórios.

## NOTAS E COMENTARIOS

### Lamentável?

Um facto. Deu-se no Pórtio. Causou a morte dum homem. Não foi bem um facto: foi um tiro. Singularmente certo. Quem deu à bala aquela direcção? Foi o acaso. E quem armou o assassino? Foi o Estado. O assassino era policia. A paisana. O Estado foi recrutar na multidão dos cadastrados um corpo de segurança para garantir a vigência do despotismo. Gente sem grande amor à própria vida, e com um desprezo infinito pela vida do próximo, o Estado armou-a. Na mão de cada soldado meteu o Estado um cartão de identidade e uma pistola. Assim se transformou em vadio numa autoridade. Apanhando-se à solta, a impunidade garantida pela categoria oficial, os figurões entraram em função. Deram-lhes uma pistola, dispararam-na. Nem sempre as balas foram alojadas no corpo dum fante. Desta vez, no Pórtio, o alvejado pertencia ao outro lado da barricada. A's vezes, os factos valem pelas mais eloquentes lições.

### Comemoração

Uma comissão de patriotas intenta promover uma pomposa comemoração dos grandes feitos de Pedro Álvares Cabral. Este navegador merece, de facto, a nossa gratidão. Foi homem dum valor extraordinário; e, de certa feita, uma tempestade lhe colheu as náus indo dar com elas nas terras do Brasil, onde nesse tempo prosperava a árvore das patacas, cujos frutos Portugal colheu durante largo período. Quem não gostou da façanha de Cabral aliás admirável a todos os respeito, foram os brasileiros, que nem à mão de Deus Padre queriam ser descobertos. E' por isso que quando hoje, no Brasil, um qualquer portuguez ingenuo, embaldado pelas cantigas do Dr. João de Barros, alude à aventura de Pedro Álvares, apanha poucas no crânio, por uma simples questão de fraternidade. Os brasileiros... São os nossos melhores irmãos e os povos que o digam...

### Na Rússia

Notícias tetrélicas, anunciando uma vitória contra-revolução na Rússia, nos tem sido transmitidas ultimamente pelas agências telegráficas. Verdades? Mentiras? Tudo é possível neste mundo, mas o certo é que a vitória dum contra-revolução na Rússia se aligra absolutamente improvável aos olhos dos que acompanham de perto a marcha da República Soviética. Revoluções triunfantes na Rússia é possível que um dia se produzam, mas num sentido de progresso, para destruir os resíduos dos vícios burgueses que ainda na Rússia existem. As regressões é que se nos representam inexequíveis. Em suma, outro remédio não temos além do de esperar notícias fidedignas, que estes comunicados das agências telegráficas já nós sabemos suficientemente que conceito devemos tê-los.

### Pensamento

O casamento é a completa união de dois indivíduos de sexo diferente, que se desenvolvem reciprocamente, fundindo-se um no outro pelo amor, e identificando-se tanto física como moralmente num destino comum. — Teixeira Bastos.

## NO CONVENTO DAS BERNARDAS

### O que nós observávamos

Habitações miseráveis  
Vivendo como animais

Os protestos de centenas de pessoas junto do governo, que faz promessas — Aguardemos as realidades

O dia de ontem, um verdadeiro dia de sol, todo luz, convidando à alegria de viver, contrastava lamentavelmente com a miséria, autêntica miséria, sob todos os seus aspectos tristes, horrores e nojentos que observávamos. O outro dessa miséria sem nome está situado em plena Lisboa, cidade que se diz civilizada.

Subimos a rua da Esperança; o sol traçava na casaria alta manchas de caprichosas formas e de côr viva. Demandávamos o Convento das Bernardas, que não conhecíamos senão pela sua tradição de centro de crápula e de infinitas desgraças. Subimos sempre e, por fim, o velho casarão surgiu lá no alto, pintado de um amarelo duvidoso, parecendo enorme com vestígios de igreja estilo Renascença.

Sobre a escadaria de pedra gasta que dava acesso ao pórtico, sempre aberto, como boca escancarada e negra, velhos andrajosos gosavam as carícias de um sol admirável. Ali perto, magotes de rapaziço brincavam, puxavam-se as roupas sujas, numa algazarra atrozadora. Entrámos. Dentro, mais degraus encruiados pelos tempos e pela sujidade, erguiam-se diante de nós; trepamos-lhes também, atravessámos um corredor largo de paredes sombrias e deparou-se-nos um claustro velho e deformado. Por entre as colunas simples, mulheres, junto de alguidares de barro, lavavam roupa. A um canto, dois operários sentados em frente de uma vasilha cheia de peixe, preparavam-se para jantar. Para eles nos dirigimos e declaramos o motivo que nos levava até lá.

O ignóbil plano prejudicará cerca de setecentas pessoas — Um guia dedicado e afável

— O camarada vem da Batalha? — inquiriu Belarmino Marques, ao mesmo tempo que nos seus lábios se desenhava um sorriso acolhedor.

— Sim, meu caro — dissemos. Desajávamos conhecer o Convento das Bernardas, ver com os nossos próprios olhos as misérias que nos contaram.

— Ainda bem que se dirigiu à minha pessoa — acrescentou ele — porque eu conheço tudo isto. O camarada acompanhe-me e terá depois bastante que dizer na Batalha. Venha, venha!

E levantou-se, deixando o jantar, apesar das nossas instâncias para que comesse primeiro. Lá nos levou, claustro fora, os passos ressoando fortemente no lagedo, até uma outra porta sombria.

Enquanto subíamos umas escadas escoreggiadas, meio arruinadas, convosco saíamos.

— Sempre será verdade o que vem hoje na Batalha? — inquiriu.

— Assim nos informam — respondeu. E não nos admira que eles queiram pôr tal plano em prática. Temos assistido a tanto crime deste género!

— Como este talvez ainda não tivesse havido outro — contestou o operário.

— Sim, este é dos maiores! — exclamámos. Quantas pessoas ficariam sem abrigo se o plano ignóbil se realizasse?

— perguntámos interessado.

— Talvez umas setecentas. Habitam aqui bem umas setecentas pessoas. Porque não tem outro sítio para onde ir, porquanto as casas, como já vai ver, são inferiores, metem água de inverno, são... sei lá o quê...

— Inabitáveis! — interrompemos.

— Sim, inabitáveis. Desembocávamos agora num corredor escuro e mal-cheiroso.

— Vai ver a primeira miséria — disse-nos Belarmino Marques.

Nove pessoas num único compartimento — Promiscuidade aviltante!

O corredor onde nos encontrávamos era comprido; as paredes de madeira imunda não chegavam ao tecto; formavam uma espécie de biombo miserável. De um e outro lado sucediam-se as portas, como nos hotéis pobres, nos mais pobres hotéis. Cada porta é uma casa de habitação, que possui um compartimento apenas. Esse compartimento serve de cozinha, de sala de jantar, quarto para toda a família. Naquele aposento dormem o pai, a mãe, os filhos e os próprios avós, numa promiscuidade aviltante, convidando ao crime, ao incesto, que ali devem medrar facilmente no meio de tanta podridão.

Nesta casa, por exemplo, diz-nos Belarmino Marques — vive uma família constituída por nove pessoas.

Marques bateu à porta. Veio abrir uma rapariga simpática, dos seus dezasseis anos, tristes anos desabrochados na podridão, como linda planta num jardim que cheira a esterco. Logo de traz da rapariga surgiu uma enfiada de peizes, irmãos daquela.

Um velhote alquebrado, sujo e doente que teria que sair também. — Desgraça sobre desgraça

Belarmino Marques bateu a outra porta. Veio abrir uma velhota, que nos franqueou imediatamente a entrada. Seu marido, João Lucas, outro velhote sujo e alquebrado, levantara-se há pouco duma enxerga velha, manchada de urina, porque o pobre velho, desde o Natal que se encontra doente. Não pode sustentar as urinas e faz as suas imundiciadas em pleno leito. A casa é sombria e pequena; no tecto grande laivos negros indicam que a humidade vem aumentar as terríveis condições da casa. Como o mau cheiro fosse muito, acostámos-nos à janela que dava lá para baixo. O sol arrancava reflexos violentos da roupa alva que em sucessivas cordas se estendia por ali fora, em correnteza nas janelas que, em toda a volta, espertam o grande claustro.

Dali então interrogámos Luisa dos Reis, a boa velhota, que foi desfilando as suas pedras numa cantilena monótona. Viviam em amarga miséria...

— Que me diz a isto? — perguntou-nos Belarmino lá da porta, onde se deixara ficar.

— Que dizemos? Que é uma barbaridade pôr esta gente na rua. Quem é que, sendo homem, possuindo sentimentos humanos, tem coragem para lançar à rua um desgraçado neste estado e com esta idade?

Salmos profundamente revoltados. E chamam a isto civilização? Ah! os selvagens, os bárbaros são muito mais civilizados com seus costumes primitivos!

Uma velha entrévida e surda que terá de sair também, se o plano for avante

— Alguns dos inquilinos — lá dizendo o nosso guia — foram depositar as rendas na Caixa Geral dos Depósitos. Outros, a maioria, não se apercebendo dos intuitos reservados do senhorio, ficaram muito contentes quando este se recusava hipocritamente a receber o dinheiro. Coitados, vivem todos na miséria e tomavam por emola o que não passava dum maia tração.

Desceamos mais escadas, passámos por outros labirintos de corredores húmidos, negros como noite escura. Seguíamos silenciosos. A atmosfera era pesada. Atrás de nós, os inquilinos iam-se juntando. As crianças, descalças, miseravelmente vestidas, segredavam gracinhas aprendidas naquela vida sem norte.

Parámos junto de outra porta, que se encontrava apenas cerrada. Belarmino empurrou-a e um quadro de comovedora desgraça surgiu.

Penetrámos no entro com precaução, como que temendo que toda aquela bodega aderisse às solas dos nossos sapatos, que o ambiente fétido e irrespirável sujasse os nossos corpos.

A um canto da casa mal amanhada, uma velha de cabelo grisalho, sentada num banco, embalsava um berço, onde pousava uma criança, de olhos espantados que nós fítavamos.

— E' entrévida — murmurou o operário.

Quizemos saber o que pensaria a velhota que nos olhava sorridente.

— Como se chama? — perguntámos.

— Não respondeu.

— E' surda — disse, de entre a multidão, uma mulherista.

— Como se chama? — gritámos-lhe então.

— Como me chamo? Ah — disse em voz trémula — chamo-me Maria Luisa.

— Que idade tem? — teimámos.

Não ouviu. Uma rapariga gritou-lhe ao ouvido a pergunta que lhe fizéramos. E a velha entrévida — porque é entrévida e fétida em casa de guarda ao neto, enquanto a família vai para o trabalho — respondeu no mesmo tom de há pouco:

— A minha idade... Tenho para cima de sessenta anos...

Os recantos abandonados depressa encontram moradores. Como seria feliz aquela gente em casas claras e higiênicas!

Até os recantos que todos recusam, encontram, por fim, habitantes. Depois de percorrerem mais corredores, de passarem por escadas impossíveis, de darem a cair de podres, chegámos ao fundo dum corredor escuro e fétido; Belarmino quis mostrar-nos mais um outro, um verdadeiro antro.

Era mais uma habitação constituída dum só compartimento, como todas as

outras. Nem porta tinha; uma cortina que atravessava de lado a lado servia de barreira ao olhar curioso.

Falámos com Maria Agostinha, a arrendatária da casa.

— Imagine — dizia ela — o que vai ser de nós se nos puzerem fora. Tenho uma filha paralítica, a Deolinda, coitada. Se nós não pormos para quanto não sofrerá a pobre desgraçada?

Salmos. Salmos, não, fugimos. Já não podíamos permanecer naquela meia-luz triste e soturna, onde os homens nos apareciam como espectros, entre colchões podres, paredes sujas, escadarias quasi a desmoronar-se. Era demais; tínhamos necessidade de respirar, de viver, porque ali não se vive; naquele ambiente funesto o homem deixa de ser homem, os ideais altos não se podem desenvolver sob os tetos baixos, sujos, atravessados de gigantescas teias de aranha.

Procurámos a saída, torámos por outros corredores antipáticos como priões medievais; queríamos ar, luz, alegria. A revolta azedava-nos o ânimo absorviam-nos pensamentos negros como as paredes, pesados como o ar que respirávamos.

Ah — vinhamos nós, pensando — como todos aqueles arremedos de gente viveriam felizes em casas brancas, caídas, por onde o sol e o vento sádios entrassem à vontade e pintassem de côres saudáveis os rostos pálidos das crianças, penetrassem os pulmões débeis e lhes dessem vigor!

E ao quebrar uma esquina, o claustro, inundado de sol, apareceu-nos de súbito. Tivemos a impressão de que tínhamos sido postos em liberdade!

O sol amigo — A vizinhança comenta, acicamente, o procedimento do senhorio

Cá fora, no claustro, havia grande ajuntamento. Consta que andava por lá algum da Batalha e juntaram-se as mulheres e os fedelhos, comentando o caso.

A nossa chegada criaram-nos de perguntas. O que havia e o que não havia; se viria ou não a guarda republicana; se sempre seria verdade o que a Batalha contara.

— Tanta gente, tanta gente que vai dormir na rua — dizia uma.

— Mais de seiscentas pessoas.

— Mais de setecentas! — contestava outra.

— Que — perguntava uma rapariguita, de cabelos castanhos, fulgurando ao sol — haverá tanta gente cá no Convento?

— Ora, ora se há — ripostava uma mais durazinha em tom chocarreiro. Se há! Pois eles estão sempre, sempre a nascer e as mortes são poucas...

Soubemos ali que uma comissão de inquilinos, que já tinha estado na Batalha, se dirigira depois ao parlamento, para falar ao sr. Bernardino Machado, a fim de lhe perguntar qual seria a atitude do governo ante tal catástrofe.

Deixámos então o Convento, fomos até ao parlamento, ao grande casarão, onde há tanto tempo se fabricam leis, que não evitaram, antes aumentaram, por vezes, a miséria que vinhamos de ver.

Espera-se de balde ante o teatro de S. Bento — Promessas...

Efectivamente, no jardim, situado em frente do teatro de S. Bento, muitas mulheres se encontravam esperando.

— As senhoras são do Convento das Bernardas?

— Somos, sim, somos.

Vimos então desenharem-se sorrisos de esperança. Tomámos-nos, a nós, como qualquer pessoa de excepção poder, virar lá de dentro, do parlamento, para acabar com o seu suplicio de esperar. Julgavam que íamos resolver o caso.

— Agora é que a gente vai falar — disse uma delas.

Desilusão. Esperámos também. O sr. Bernardino não estava visível. E embora ali tivessem permanecido, resignadas, mais de uma hora, todas aquelas pessoas, nada conseguiram.

No entanto não desanimaram. Dirigiram-se ao ministério e, por fim, o sr. Bernardino lá apareceu com o seu sorriso afável, eternamente afável e, tomando das mãos dum mulhersinha a Batalha de ontem, que levon para casa a fim de ler melhor, condescendentes, sempre bom, sempre amigo e cumprimentando, em ouvir o que a comissão lhe disse.

As mulheres falaram: o senhorio quer destelhar a casa, pôr setecentas pessoas na rua... uma desgraça... uma infâmia... é bárbaro...

— Eu vou fazer tudo o possível para que tais casos se não deem — disse Bernardino amigo, acompanhando as palavras com um sorriso simpático.

O secretário do presidente de ministério também acalmou os ânimos, dizendo que a guarda republicana não iria para o Convento... E que chamarão o senhorio para com ele terem uma conversa.

As inquilinas regressaram agradecidas, e confiantes na providência de tam altos personagens.

Lá iremos hoje ver se as promessas se cumprirão.

## DEBATE DE OPINIÕES

### UMA ANÁLISE

(A Batalha de 15-12-920). Mas o que é que a politica tem que ver com o sindicalismo? Tanto como com o anarquismo... Das doutrinas socialistas só conhecemos como politico o colectivismo e suas modalidades. Das doutrinas socialistas, entendendo-se, não me refiro às opiniões intervencionistas porque essas podem ser politicas em todas as doutrinas socialistas. Se não fossem os seus gostos...

Mesmo essas opiniões, que pouco influem para o caso, cabem dentro dos sindicatos e tanto que a sua existência é notória; compete à maioria dos militantes imprimir-lhe a acção que preferem.

Isso é que é discutível, mas não representa divergência de credos politicos, porque, sob esse aspecto, não se trata de estabelecer um novo regime politico, mas sim da forma de agir dentro d'ele para conseguir melhoria de situação ou fazer obstrução para lhe precipitar a queda. Portanto cai pela base a primeira mentira sindicalista.

Quanto à segunda, o que entende Ratos por autonomia sindical? Desde que ao agremiado se não estabeleça previamente determinada subordinação, ele é autónomo dentro da esfera de acção em que resolveu agir; e não me consta que qualquer organismo sindical exerça coacção sobre um filiado para determinada acção. Nem previamente nem posteriormente à admissão.

Dá-se até o caso contrário, que é a boa norma sindical. Confunde, Ratos, a acção sindical com eventuais acções individuais.

Talvez. Bem evidente é a autonomia sindical, pois que, sem elle, é que o sindicalismo seria uma doutrina politica...

(A Batalha de 19-12-920). Precisamente o contrário. Se a revolução sindicalista se operar, como os seus propagandistas querem, tendo em linha de conta as indicações naturais da evolução social no seu aspecto geral económico e politico, (não vejamos contradição...) não é dela que haverá que rir, mas sim, talvez, duma situação ditatorial por muito socialista que seja, dada a hipótese de prevalecer as insuficiências económicas do país e as previstas incompetências dos que pretendem ser seus novos administradores.

Os sindicalistas não prometem nada. Pois se eles não tem que prometer...

A propaganda politica é que assenta sobre promessas quando não visa a modificação dos órgãos sociais. Se a vista o seu propagandista, se é consciente, aduz razões para superiorizar o seu sistema; não promete fazer isto ou aquilo — demonstra que o seu sistema é melhor. Se se visa não se trata da modificação do sistema politico vigente mas apenas do regime ou somente da substituição de homens e nesse caso de propagandistas que pode ser animado das melhores intenções, nada mais pode fazer do que prometer ser melhor que os outros.

Nós não combatemos a revolução russa; admiramo-la e defendemo-la.

Sindicalistas somos porém, e como tais preferimos a revolução sindicalista, o sistema social sindicalista. Nele encontrará o seu natural desfecho a convulsão moscovita; e, assim, que necessidade temos nós de passar por um resultado tão cruel para chegar a um resultado que se pode obter dum só facto? Porque, não tenha dúvida, Ratos: se amanhã, sem a interferência da organização, se produzisse uma revolução armada e se por qualquer circunstância o operariado ficasse senhor da situação e entregasse à organização o encargo de assegurar o seu esforço, esta, se as condições internacionais o permitissem, poderia realizar já o ideal sindicalista.

Existem todas as condições para isso. Depende apenas do acto de posse, da paz dos espiritos após elle e da não hostilidade por parte das outras nações.

(A Batalha de 21-12-920). O n.º 4 do 1.º período está errado. Há opposição porque a doutrina sindicalista que é, em meios e fins, diferente da collectivista e anarquista.

O n.º 3 do 2.º período torce o bico ao prego... Realmente, adoptando a fórmula anarquista, que mais é preciso? Não condensa ela tudo? Que maior consideração é precisa que a satisfação das necessidades de cada um? A consideração moral? Mas ela impõe-se quando é evidente; não precisa consignar-se...

3.º período precisa modificado e ampliado. O termo socialização aplicado ao ideal sindicalista não é bem apropriado; sindicalização exprime melhor o sentido.

Ou eu não sou sindicalista, ou não conheço a necessidade das cooperativas no sistema que preconizamos.

Resumindo, para não ocupar maior espaço reservado para depois; aquele período não condensa o sistema sindicalista que, embora sucintamente, podia ser integralmente exposto naquele espaço. Dele se desprende, até, desconhecimento da matéria, o que não acredito, verificada a autoria.

Ou terei eu um modo especial de interpretar a doutrina sindicalista?

Nunca dei por isso, mas a verdade é que o meu espanto atinge o auge quando se me depara aquele pretendido accordo entre as doutrinas sindicalista, anarquista e collectivista. Os termos que Ratos emprega levam-me a crer que ele atribue ao sindicalismo, como objectivo máximo, uma espécie de cooperativismo de produção, quando a sua finalidade não é somente essa: comporta um sistema social completo que em absoluto prescindir de accessorios a ele estranhos.

(A Batalha, de 24-12-920). Nós nem mesmo reclamamos as funções da direcção social, (politica, diz Ratos) porque no sistema sindicalista ella é confiada a todos. Nem mesmo seremos, exclusivamente, os mandatários, porque qualquer o pode ser.

Como conscientes, seremos, sim, nos primeiros anos, sentinelas vigilantes, prontas a denunciar as massas os seus erros de conduta e a frustrar quaesquer planos de retrocesso intentados por espiritos imbuídos da educação burguesa.

Quanto à organização politica da Republica Sindicalista Portuguesa, isso é tudo quanto há de mais incompatível com o espirito sindicalista. E' evidente que a evolução não dá saltos bruscos e por isso não será para estranhar que um sistema sindicalista subsistam léves reminiscências de processos até agora usados; mas daí até copiarmos a organização administrativa actual, vai uma grande diferença que se não coaduna com o novo estado de coisas.

Na devida altura precisarei este e outros termos vagos.

A Batalha carece de espaço para outros assuntos e por isso terminarei aqui esta análise; mesmo, na que faria aos restantes artigos, teria de repetir o que já está dito ou plagiar o que disseram E. Costa, Gil Gonçalves, M. J. de Sousa, etc., a não ser que imediatamente fosse expondo o meu critério sobre os assuntos visados. Tal não pode porque eles são demasiadamente complexos para serem tratados assim de ânimo leve. Se os camaradas redactores da Batalha o puderem consentir e os leitores se não aborrecerem, em outros artigos exporei resumidamente, mas de forma suficientemente elucidativa, o meu modo de ver sobre os pontos omissos no Debate de opiniões, especialmente quanto aos principios, meios e fins do sindicalismo. E' claro que, literariamente mediores, os meus escritos pedem mercê à critica que, para ser leal, só deve incidir sobre os pontos doutrinaes e suas variantes; eu não sou escritor, sou operário.

Nesta análise, ninguém veja o intuito de desconsiderar Ratos ou amesquinhar a sua obra. Ratos é um elemento de valor no meio operário e psicologicamente impõe-se pela maleabilidade que se observa na sua faculdade de concepção, o que é mais recomendável que censurar; a sua obra é fantástica mas bem intencionada e terá a vantagem da discussão que nos elucidará a todos sobre pontos importantes que raras vezes discutimos, porque todos somos sindicalistas mas nem todos nós ainda acordamos sobre até onde pode chegar o sindicalismo. Portanto, quanto aos artigos de Ratos, dispense-me de apreciar o seu erro de tactica quanto à sindicalização obrigatória; (9-2-921) a forma estranha como elle harmoniza um regime de salariato com a fórmula económica de cada um segundo as suas forças, a cada um segundo as suas necessidades (16-1-921) e a ignorância revelada no seu porque da nossa qualidade de sindicalistas (31-12-920).

Também passo de largo sobre pontos da sua obra em que não incluí ainda discussão, dispensável, talvez, como sejam a fantasia financeira do seu regime representada na facilidade com que elle estabelece salarios, categorias de operários, percentagens, benefícios a parturientes, etc., sem curar de indagat ou elucidar o leitor sobre a concordância desca resultante com os factos sociais, sabido como é que elles influem muito mais sobre as características das épocas na evolução social do que as determinantes intellectuais do cérebro humano...

E' este um dos maiores erros de Ratos: não olhar a essa influencia que dum forma geral incide sobre o actual regime económico social, determinando-lhe uma próxima remodelação e diferentes transformações subsequentes e diferenciadas, que seriam forçadas a aceitar se não estivesse no nosso animo; garantia do triunfo sindicalista, que para ser prevista basta usar da faculdade fisica visual e mental perceptiva, ela observa...

A festa de A BATALHA

Os bilhetes tem sido adquiridos com entusiasmo

— s



Organização do campo

Os rurais de Talaide (Cascais) constituem o seu sindicato

TALAIDE, 6. — Nesta localidade realizou-se hoje uma sessão de propaganda associativa, para a constituição da associação de classe dos Trabalhadores Rurais de Talaide e arredores.

Presidiu o camarada Artur Moreira Salido, da Construção Civil de Tires, secretário por Casimiro Duarte e Francisco Freira, rurais. Depois de expostos os fins desta reunião, o presidente deu a palavra ao delegado da C. G. T., Alberto Monteiro, que largamente explicou as vantagens da associação, lendo depois a seguinte moção.

Considerando que em Espanha se está exercendo a mais trágica campanha contra a organização operária, considerando que não tem tido o país, em ir até ao assassinato dos elementos mais activos do movimento operário, considerando que apesar das fronteiras que nos separam, deve substituir a solidariedade internacional, Os trabalhadores rurais de Talaide, reunidos em sessão pública, resolvem:

1.º Protestar contra a reacção espanhola.

2.º Aguardar a oportunidade de mais precisamente se exteriorizar este protesto.

Esta moção foi aprovada por aclamação, os vivos ao operário espanhol, Rússia, etc., pela enorme assistência, por completo enche a vasta sala.

Falaram a seguir os camaradas José Joaquim Pires, Avelino Teodoro, Francisco Carmelo, de Tires, e Amantino do Nascimento, também delegado da C. G. T., que se alongou em várias considerações, sendo as suas palavras sublinhadas com frenéticos aplausos e vivas à C. G. T., Batalha, etc.

Em seguida foi lido o projecto de estatutos, que foi aprovado, sendo nomeada a comissão administrativa do sindicato, que ficou assim constituída: Casimiro Duarte, Francisco Freira, Narciso Freira, Joaquim dos Santos, Tenente e Domingos Dias de Andrade.

Foi a sessão encerrada no meio do maior entusiasmo, tendo os trabalhos decorrido na melhor ordem, talvez por não estar presente a autoridade.

C. G. T.

Secção das Federações

Os delegados representantes das Federações de Indústria, Sindicatos Nacionais, Regionais e isolados que constituem a Secção das Federações, reúnem amanhã, às 21 horas precisas.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Gráficos das Casas de Obras

Afim de se tomar conhecimento de um ofício, dimanado da secção gráfica da Associação Industrial, reúne hoje, pelas 18 horas, a comissão executiva para o aumento de salário nas casas de obras, com os representantes das Associações dos Compositores e Impressores Tipográficos. Dada a importância do assunto a tratar, roga-se a comparsa de todos os componentes da comissão.

Para se ocupar do mesmo assunto reúne hoje à mesma hora, a convite do secretário, o conselho central da Federação do Livro e do Jornal, sendo por este meio avisados os respectivos componentes.

Congresso Nacional Metalúrgico

Reúne hoje a comissão organizadora do Congresso, pelas 21 horas, afim de apreciar as adesões recebidas e activar a correspondência com os sindicatos aderentes.

Os delegados que vão em missão de propaganda a Tomar, Trancão, Abrantes, Alcobaca, etc., devem partir no próximo sábado.

—se desde tempos remotos no decorrer da evolução em pequeninas revoluções embrionárias que marcam na história como factos insignificantes, quasi imperceptíveis, de que pode servir como exemplo aquele Congresso Operário da Sociedade de Geografia onde saiu a comissão executiva do Congresso Sindicalista, ponto inicial da nossa organização caracterizada por revolucionariedade.

Esses e outros erros de que Rates, no decorrer do Deba e, tenta corrigir-se com boa vontade e francamente, como sejam a fantasia da sua divisão administrativa, a sua organização dos serviços de produção e consumo etc., provêm também da inobservância da estrutura do regime sindicalista, facto que não é para admirar, uma vez que nunca os seus militantes discutiram suficientemente o assunto.

Ainda para não ocupar mais espaço, não me refiro pormenorizadamente à réplica de Emilio Costa, esplêndida de critério e observação, ao pessimismo ponderável de Coutinho, a muitas outras opiniões expostas e a mais um: a do camarada José de Sousa, presencioso elemento do Congresso das Juventudes Sindicalistas onde se preconizaram os princípios dum regime político anarquico, (?) dum Pátria libertária, (??) e, quanto a mim, se inverteu o conceito duma anedota, pois que, precisamente porque os pais não concordam sobre o que há-de ser o filho, é preferível não o fazer...

Resumindo esta análise e que desenvolverei se me for dada:

1.º O Sindicalismo, não só como meio de acção mas também como finalidade social, é muito distinto do Anarquismo e do Colectivismo; tem como ideal um comunismo muito próprio.

2.º O Sindicalismo, como meio de acção, pode ser ou não político embora estruturalmente o não seja; porém, como sistema económico social a implantar, não é político.

3.º A sindicalização da propriedade, dos meios de produção e consumo, estabelece, por meio do sindicalismo comunista, uma sociedade igualitária que satisfaz, na maior relação, as aspirações operárias.

Delfim de Sousa PINHEIRO.

No Teatro de S. Bento

Debate político

Depois de eleitos os três vogais para o conselho colonial, os srs. Mariano Martins, Sá Cardoso e Viriato da Fonseca, e de entrar na sala o governo, recomeça o debate político iniciado na véspera.

Continua no uso da palavra o sr. António Granjo, frisando que o sr. Bernardino Machado era o menos indicado para organizar gabinete, por motivo da sua atitude no Senado. Explicando o procedimento do seu partido, diz que ele indicara a dissolução do Congresso ao presidente da República porque não sabe se os representantes da nação estão na verdade representando a vontade nacional. Critica a atitude do partido democrático indicando os nomes de Afonso Costa e Brito Camacho para a presidência, sabendo que eles não aceitavam esse cargo.

O sr. Leote do Rego fala da tribuna destinada aos oradores, e fala dali para que todos o ouçam, diz. Aprecia a declaração ministerial e lamenta que não haja uma única alusão à marinha de guerra nesse documento. Insurge-se contra a situação de desmoralização, referindo-se à estada do cadáver de Sidónio Pais nos Jerónimos, dizendo que não consente que para aquele templo entrem os restos mortais dos soldados desconhecidos, nem que ele, marinheiro, se tenha de postar à porta dessa igreja para obstar à consumação de semelhante acto. Esses caixões devem ser colocados em Alcobaca ou noutro mosteiro.

O sr. Cunha Leal diz que se está em presença de um governo bem ou mal constituído, e depois de uma larga apreciação, trata da obra financeira, afirmando que o sr. António Maria da Silva tem agora a tarefa de realizar esse trabalho, pois será obrigado moralmente a proceder à compressão de despesas, mas há de fazê-las como s. ex.ª desejava que ele, orador, quando ministro as fizesse.

O sr. Alves dos Santos, antes de se encerrar a sessão, deseja que o ministro do interior dê conta ao parlamento dos acontecimentos ocorridos no Norte, onde foi morto um oficial da guarda republicana, declarando o presidente do ministério que mandou proceder a um rigoroso inquérito e que castigará implacavelmente todos os culpados.

Prosegue hoje a questão política devendo usar da palavra em primeiro lugar o sr. José de Almeida, em nome da minoria socialista.

Horário de trabalho

POVOA DE SANTA IRIA, 5. — É provável que ainda esteja na memória de muitos dos nossos camaradas os incidentes que se tem travado entre os operários da construção civil, que exercem a sua profissão nas obras que a Sociedade Industrial Aliança traz nesta localidade, e os componentes da mesma sociedade, factos de que A Batalha tem tratado largamente. Desnecessário seria acentuar que só a grande vontade dos indivíduos detentores do capital em lançar a fôrça por tantos lances desgrahados, tentando espinhar quem lhes dá a opulência, subvertendo-os a seu modo, é a causa destes incidentes. Mas, camaradas, lêde atentamente o que expomos, e formai juízo sobre meia dúzia de traficantes que nesta localidade estabeleceram arcaís.

Há uns dez dias que o pessoal daquelas obras recebeu convite do respectivo patronato para trabalhar 10 horas por dia, com remuneração equivalente a cada hora das 8. Os camaradas que ali trabalham esboçaram um movimento de protesto contra tal convite, abandonando o serviço no dia seguinte, sábado, visto que o patronato queria obrigá-los, à viva fôrça, a trabalhar às 10. Não teve este simpático gesto daqueles camaradas muita duração, porque os donos da obra consentiram em que se não desrespeitasse a lei das 8 horas.

Julgávamos o caso arrumado, quando hoje, sábado, fomos informados que todo o pessoal das obras fora suspenso e afixado nas mesmas o seguinte aviso:

«Por ordens superiores, desde 5 do corrente, ficam estas obras suspensas. Eis, em resumo, o que apurámos: O patronato exerceu forte vingança nos proletários, por estes se esquivarem activamente a obedecer aos seus instintos de vis exploradores, encerrando as obras.

Os operários pediram 50 por cento de remuneração para as horas suplementares (duas) sobre o seguinte salário que auferiam nas 9 horas, e que descaíram trespassada para as 8: carpinteiros, 1540; pedreiros, 5520; serventes 2570; caixeiros, 1510.

Mas os potentados, julgando que os miseros operários os arruinariam com tal fabulosos ordenados, esquivaram-se a tal, fechando as portas.

O mais engraçado é que o pessoal foi hoje avisado, apesar da ordem expressa em contrário, de que quem quizesse trabalhar às 10 horas que não se considerasse suspenso.

Como vêdes, é só a ansia de esmagar o que tanto costuma a alcançar, o dia das 8 horas, que anima aqueles tartufos. Para quem não quizesse calcar a pés a aspiração tão cara, convertida em realidade, para quem, consócio dos seus deveses, se recusasse a tal lugar... na rua.

A isto, porém, todos souberam, sem uma única excepção, corresponder dignamente, abandonando a roça onde mourejavam escravos ou a mina de ouro dos donos da terra... C.

CONFERENCIAS

Faculdade de Ciências

Realiza-se hoje, às 21 e meia horas a 4.ª conferência do dr. sr. Faria de Vasconcelos, da série promovida pela Sociedade de Estudos pedagógicos.

A conferência versará sobre os filósofos modernos e tem o programa seguinte:

1.º—Existe uma crise filosófica? II—O domínio da metafísica: os seus problemas e métodos. III—A possibilidade da renovação da metafísica. IV—A metafísica de futuro.

A liberdade de reunião espessinhada

VILA NOVA DE GAIA, 4. — C. — Para apreciar o actual conflito marítimo, reuniram anteontem, na sede da União dos Sindicatos, e a convite destas, as direcções dos sindicatos operários locais, reunião que foi bastante concorrida, na qual se ventillou convenientemente o magno assunto.

Embora não tivesse sido solicitado o auxílio da classe operária de Gaia, por nenhuma classe ora em luta, e que ísem a sua sede nesta vila, e pondo de lado tudo quanto de ofensivo para a União houvesse, por parte dum das classes em greve, as mesmas direcções reunidas resolveram nomear uma comissão para de comum accordo com a União dos Sindicatos do Porto, agir e fazer agir no momento oportuno os trabalhadores de Gaia.

Neste sentido, e depois dum entendimento mútuo entre o operariado de Gaia e Porto, a comissão fez publicar e distribuir profusamente um pequeno manifesto-convite para uma reunião magna, que marcou para as 10 horas de h. je, na casa das associações, na qual seria apreciada a conduta das autoridades em face do conflito.

Muito antes da hora marcada para a mesma assembleia, seriam 10 horas, chegou ao local onde está instalada a sede das associações, uma fôrça de infantaria da guarda e alguns policias, que tomaram posições. Muito tempo não tinha decorrido e eis que nova fôrça chega. Mais alguns momentos depois nova fôrça, mas esta não só de infantaria como também de cavalaria. Evoluções, patrulhas, etc., e entretanto chega s. ex.ª a autoridade-mór do concelho.

Nestes entretimentos rebenta, perto do local da reunião, um foguetete, para socializar o aniversário dum criatura qualquer. Filhos, ali vão, s. ex.ª e alguns soldados em grande correria, esbaforidos, ver onde tinha sido dado o sinal da... revolução.

Vão chegando os operários para a reunião, mas a comissão promotora da mesma, depois de ver que a Avenida onde está acasada das associações está tomada por tropas, numa longa extensão, resolve ir reunir noutra parte.

Não pôde ser uma reunião como se queria, mas no entanto não obstar a que fosse aprovada uma violenta moção de protesto contra as prepotências da autoridade, e outra em que se declara que a classe trabalhadora aguarda o momento de agir em prol dos fluviais e marítimos.

E assim se espesinha, por simples arbitrio da primeira autoridade que aparece, um artigo da lei basilica do regime, da Constituição da República.

As fôrças retiraram do local altas horas da noite, com receio de que da porta da associação saísse a... hidra.

Um novo sindicato corticeiro

ALDEGALGA, 4. — Ao fim de muita propaganda feita entre os camaradas corticeiros acaba de se fundar nesta localidade uma associação de classe da indústria corticeira, necessidade que de há muito tempo se fazia sentir, em virtude do grande número de trabalhadores daquela indústria que aqui se encontra, e que dia a dia vem aumentando, em face do desenvolvimento da indústria nesta terra.

Para esse fim, reuniram hoje, na Associação da Construção Civil, sob a presidência do camarada António Gomes Costa, secretariando os camaradas Manuel Martins e João da Cruz, sendo nomeada a direcção e conselho fiscal e uma comissão de melhoramentos dentro de cada fábrica.

Falaram sobre a organização operária e necessidade da associação como meio dos operários conquistarem melhoria de situação, os camaradas José Amores, Francisco Pinto e Gomes Costa.

Antes de ser encerrada a sessão, foi lido um protesto pelas perseguições feitas aos proletários espanhóis por um governo feroz e ao mesmo tempo salutar aqueles camaradas, assim como os proletários de todo o mundo, sendo também aprovada uma saudação à Batalha, intemerato defensor de todos os oprimidos.

Esta nova colectividade, em virtude da falta de casas, acha-se junta à Associação da Construção Civil, para onde deve ser enviada toda a correspondência.

Um julgamento

Foi julgada no Tribunal das Transgressões Fiscaes a Cooperativa Esperança (Santo Amaro), por não ter pago licença de porta aberta e respectiva multa, que a Câmara Municipal de Lisboa indevidamente lhe havia lançado.

Os julgamentos assistiram, numerosos representantes de cooperativas, que assim quizeram demonstrar a sua solidariedade, tendo o juiz, depois do discurso da defesa, feita pelo dr. sr. Azevedo Perdigão, proferido uma sentença absolutoria, por não poderem ser consideradas as cooperativas estabelecimentos de venda a público, mas sim de amigável distribuição entre associados.

AS GREVES

Calafates e Carpinteiros Navais

A comissão mista pró-aumento de salário de 10300 destas classes teve conhecimento que em Muteia já se encontram operários a betumar fragatas de patrões que reconheceram o salário, como sejam: Companhia Commercial de Fragatas Limitada, Smithon, Faustino José Gomes, Adelino Cardoso e outros, esperando a comissão mista que a greve termine muito breve, pois está quasi tudo resolvido.

Finalmente!

Os deportados de Cabo Verde a caminho da metrópol.

O governador de Cabo Verde informou que seguem para Lisboa os presos questões sociais que ali haviam do sembarredo como deportados: Manue Gama, Alexandre de Azevedo, António da Silva, Gomes de Amorim, Manuel Gonçalves, Aníbal Monteiro, João Carlos, Manuel Ferreira, António da Costa e Rodrigues da Silva, os quais após a sua chegada a Lisboa terão de apresentar-se no respectivo governo civil.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE Quarta-feira, 9-HOJE

A's 21 horas GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

12 Maravilhosas atrações — 12

RELEVYNOW

contra D. SANTOS

AMANHÃ Quinta-feira, 10-AMANHÃ

FESTA ARTISTICA

DE

CALINO & CRICRI

Novos Intermedios cómicos

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

Federação Mobilíaria. — Comissão administrativa. — Para assunto urgente e imediato, convidam-se todos os membros da comissão administrativa a reunir hoje, às 10 horas.

Federação da Indústria de Calçado. — C. Ouros e Peles. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa.

Sindicato Unico da Construção Civil. — Secção dos profissionais dos pedreiros e alvenaria. — Reúne hoje, pelas 18 horas, para o trabalho de construção de uma casa para o proprietário do Convento das Bernardas a mandar desfechar aquele edificio, que não deve presser-se a um infamante papel, pois que a companhia de pedreiros está a fazer movimento.

Manufaturas de calçado. — E' convidado a reunir a direcção deste sindicato e o Conselho de Calçado, sexta-feira, às 10 horas, para a reunião da Direcção.

Operários das oficinas da Alfândega (classe mista). — Reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral, na Academia de Calçado, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Litógrafos e Anexos. — Reúne hoje, pelas 18 horas, na nova sede, rua do Arco da Rua, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Pedreiros e Anexos. — Reúne hoje, pelas 18 horas, na nova sede, rua do Arco da Rua, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Operários das oficinas da Alfândega (classe mista). — Reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral, na Academia de Calçado, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Pedreiros e Anexos. — Reúne hoje, pelas 18 horas, na nova sede, rua do Arco da Rua, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Operários das oficinas da Alfândega (classe mista). — Reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral, na Academia de Calçado, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Pedreiros e Anexos. — Reúne hoje, pelas 18 horas, na nova sede, rua do Arco da Rua, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Operários das oficinas da Alfândega (classe mista). — Reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral, na Academia de Calçado, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Pedreiros e Anexos. — Reúne hoje, pelas 18 horas, na nova sede, rua do Arco da Rua, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Operários das oficinas da Alfândega (classe mista). — Reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral, na Academia de Calçado, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Pedreiros e Anexos. — Reúne hoje, pelas 18 horas, na nova sede, rua do Arco da Rua, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Operários das oficinas da Alfândega (classe mista). — Reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral, na Academia de Calçado, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Pedreiros e Anexos. — Reúne hoje, pelas 18 horas, na nova sede, rua do Arco da Rua, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Operários das oficinas da Alfândega (classe mista). — Reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral, na Academia de Calçado, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Pedreiros e Anexos. — Reúne hoje, pelas 18 horas, na nova sede, rua do Arco da Rua, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Operários das oficinas da Alfândega (classe mista). — Reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral, na Academia de Calçado, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Pedreiros e Anexos. — Reúne hoje, pelas 18 horas, na nova sede, rua do Arco da Rua, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Operários das oficinas da Alfândega (classe mista). — Reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral, na Academia de Calçado, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Pedreiros e Anexos. — Reúne hoje, pelas 18 horas, na nova sede, rua do Arco da Rua, 102, para a reunião da Direcção, para nomeação de novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Ultimas notícias

NA RUSSIA

A contra-revolução

OS seus bastidores

VARSÓVIA, 8. — Dizem de Moscou que o jornal Pravda falando no movimento contra-revolucionário de Cronstadt diz que os conspiradores não podem pretender derrubar o regime dos soviets porque mesmo os seus instigadores de Paris reconhecem que isso é impossível.

Vê-se claramente que os conspiradores desejam prejudicar as negociações com os países estrangeiros e encorajar a intervenção armada da Entente. Este é o motivo pelo qual os contra-revolucionários finlandeses e o governo francês se encontram por detrás desta conspiração. Os tumultos havidos em Cronstadt foram combinados no estrangeiro não tendo qualquer base na Rússia.

O Isvestia diz que o movimento de Cronstadt foi manobrado pela burguesia francesa que procura de novo a posse dos seus bñãos. — Rádio.

Zinovieff e Kalenine assassinados?

PARIS, 8. — O ministério dos negócios estrangeiros recebeu a noticia que Zinovieff e Kalenine foram executados pelos insurrectos.

Informam que os revolucionários acabam de obter as guarnições de várias cidades perto de Petrogrado, entre elas Pokoi e Krasniagorka, sendo esta última cidade um lugar de excelente posição estratégica.

O leader comunista francês, Charles Rapoport, admite pela primeira vez o perigo de os soviets sucumbirem na revolta. Por isso, escrevendo esta manhã no Journal du Peuple afirma que a revolução social russa está em perigo e que o dever de todo o operariado do mundo é unir-se, para ajudar a Rússia na luta. — Rádio.

Agrava-se a crise alimenticia?

VARSÓVIA, 8. — Informam que Léline afirmou que na primavera se agravará a crise alimenticia, pela má distribuição de viveres e combustíveis, mas a Rússia sairá triunfante desta crise, porque o povo conhece os seus inimigos sabrá ir adiante.

A agência bolchevista Rossi, que obtinidamente disseminava todas as noticias de levantamentos acaba por declarar que houve um levantamento em Cronstadt. — Rádio.

Dizem que a contra-revolva vai ser violentamente reprimida

BORIS, 8. — Informam que Litvinoff embarcou as reservas de ouro dos soviets para Revel, mas ainda não partiu, nem se sabe o destino que leva ao certo, posto que alguns creiam que se dirija a Noruega.

Lenine concedeu plenos poderes a Tréski para reprimir a revolta, tendo-se portanto uma grande carnificina.

No sul as tropas de Trotski sofreram segundo informam, importantes reveses, pelo que necessitam de mais contingentes para sufocar a revolta no Sul. Por esta causa, foram enviadas imediatamente 10 divisões. — Rádio.

O trabalho prosegue apesar da agitação interna

VARSÓVIA, 8. — Dizem de Moscou que o soviets de Petrogrado começou uma obra de sanidade em larga escala, envolvendo grandes trabalhos de canalisação.

Dois grandes fábricas estão ocupadas a fazer tubos para esse fim. — Rádio.

MOSCÓVIA, 8. — Foi organizado um comitê que partiu de Petrogrado pela linha do norte, dirigindo-se às regiões de florestas para cortar árvores e fornecer combustível aquela cidade e a outros centros industriais. O comitê está completamente providenciado com todos os maquinismos e confortos para os operários.

Conflito operário em aberto

SANTANDER, 7. — Fracassaram as negociações para solucionar o conflito operário. — Rádio.

Contra a rapacidade dos operários

BERLIN, 7. — Em Bochum levantou-se uma grande manifestação de protesto contra o ultimatum dos aliados, num número superior a 10.000 pessoas. Idênticas cenas se tem dado em vários outros pontos do país, onde se exige do governo que não transija com as propostas dos aliados, que ci-sifiam de tratado escravizadora. — Rádio.

A BATALHA

Vende-se em Oelras na casa do Sr. Joaquim Pimentel.

TEATROS & CINEMAS

Primeiras

Politeama. — A REDE, peça em 3 actos, de Pinillos, versão livre de Mário Duarte e Alberto de Moraes.

Confesso a minha ignorância no respeitante ao auto da Convergência Nacional representada no Politeama, mas do que eu sei intimamente convenciêdo e de que assisti ontem ao evidente e descaradamente piado de La Robe Rouge, cujo autor pertence a Eugène Brieux, o talentoso dramaturgo da Blanchette. O primeiro acto não dá suporte. Desenvolve-se um tanto chatamente, não nos secundando os actores amadores, não só porque não tem com que trabalhar, mas também porque está construído de uma forma antiquada, de técnica intelex e, por vezes, anti-natura. Exemplo: se no entre-acto a Eglauia e o Politea, quando está o vai prender. «Que membro da autoridade camarária, que locas considerações dum vagabundo, que chincança com ele durante um bom quarto de hora?»

Chega-se, porém, ao segundo acto e La Robe Rouge começa a aparecer, não já com a técnica de Pinillos, mas com a de Brieux, toda interinha.

Ele e o mesmo crime cometido também no primeiro acto, ele não os mesmos interesses, não a culpabilidade do acusado, não é o mesmo erro da justiça, o mesmo escrutínio da sagacidade do juiz, as mesmas contradições, e até o defeito de um mesmo plano, um pouco mais teatral, mas não menos, na peça de ontem. O que ela não tem, todavia, e aquela sobreza de intuições, a generosidade, os gestos em La Robe Rouge se observa. Esta é demolida, a mostra a injustiça da justiça e ataca os seus fundamentos o tribunal, os juizes, os advogados, a lei e a cadeia. A Rede não. As apostrofes mais violentas foram suprimidas, o plano do primeiro acto, o que não dá suporte, não os mesmos interesses, não a culpabilidade do acusado, não é o mesmo erro da justiça, o mesmo escrutínio da sagacidade do juiz, as mesmas contradições, e até o defeito de um mesmo plano, um pouco mais teatral, mas não menos, na peça de ontem. O que ela não tem, todavia, e aquela sobreza de intuições, a generosidade, os gestos em La Robe Rouge se observa. Esta é demolida, a mostra a injustiça da justiça e ataca os seus fundamentos o tribunal, os juizes, os advogados, a lei e a cadeia. A Rede não.

Os srs. Mario Duarte e Alberto Moraes lembram que a Convergência Nacional é muito... muito plebeia.

Ora o diabo, o diabo...

Antero de LIMA

RECLAMES

Não há noite nenhuma que se não registre no Trindade uma grande e justificada chorreada de quem ali se mantém em scena a formidável peça dramática, de grande espectáculo, Thermidor, o maior acontecimento teatral desta cidade, o mais acima de tudo, sobre os notáveis, o magistoso quadro da Convergência Nacional, Thermidor repete-se hoje.

E, to, obtendo grande êxito a revista de Eduardo Schwalbach, Dia de Juízo, em scena com o maior deslumbramento no Eden-Teatro, a ponto de toda Lisboa não falar noutra peça, andando a noite a aumentar-se os seus números mais populares e mais, fácil audição, Dia de Juízo, repleto de números novos, magnífica de lindos scena, e, todavia, não se dá a ideia de que não seja uma peça, repete-se esta noite.

— Já hoje mais um espectáculo no Coliseu dos Recreios a grande companhia de teatro, a partir de amanhã, quando se parte do seu magnifico programa, havendo um grande campeonato de luta entre Relvynow e D. Santos.

Amãhã realiza-se a festa artistica dos simpáticos clowns Calino & Cricri, com novos intermedios cómicos, e que deve ser muito interessante para o público frequentador do Coliseu.

CARTÃO DO DIA

NACIONAL — A's 21 — Zilda. GINÁSIO — A's 21,30 — A. Ventoinha, O Homem dos Suspensórios.

LOUZE — A's 21 — Leteira de Entre Arcoiros.

POLITEAMA — A's 21 — A Rede. TRINDADE — A's 21 — Thermidor.

AVENIDA — A's 21 — Reservado para s. honras.

EDEN — A's 21 — Dia de Juízo, revista.

APOLLO — A's 21 — Burro em pé, revista.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 2